

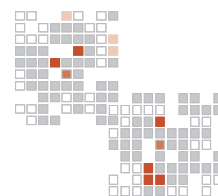
## Comunicação, desenvolvimento e sustentabilidade: propostas teóricas e ações práticas

Se tivéssemos a difícil tarefa de buscar um terreno comum que conseguisse dar conta de uma definição possível sobre o significado de uma comunicação para o desenvolvimento, uma das respostas poderia estar no pioneiro trabalho da pesquisadora filipina Nora Cruz Quebral (1926-2020). Segundo a sua definição, muito conectada aos dilemas da atualidade, a comunicação para o desenvolvimento é “a arte e a ciência da comunicação humana ligada à transformação planejada de uma sociedade proveniente de um estado de pobreza para um estado de crescimento socioeconômico e dinâmico no qual seja possível existir maior equidade e maior desenvolvimento do potencial individual”<sup>1</sup> (Quebral, 2011, p. 4).

Assim, seguindo uma premissa que dialoga fortemente com tal definição, o número 41 da *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* traz o dossiê “Comunicação para o desenvolvimento sustentável”, sob a organização dos pesquisadores Prof. Dr. Ruy Sardinha Lopes (Universidade de São Paulo) e Prof. Dr. Gustavo Ramon Cimadevilla (Universidad Nacional de Rio Cuarto). Logo, fazendo jus ao pensamento crítico latino-americano sobre o campo da comunicação para o desenvolvimento e sua contribuição à área, o dossiê propõe uma discussão não apenas sobre o impacto ambiental dos modelos de desenvolvimento das nações, mas a necessidade de se repensar e reinventar as bases estruturais que sustentam a ordem social e econômica vigente. Em especial, contando com seis artigos de pesquisadores e pesquisadoras do continente, o dossiê procura repensar o binômio “comunicação/desenvolvimento” buscando superar o caráter meramente instrumental com que este campo disciplinar muitas vezes é tratado tanto nas políticas públicas quanto em muitos cursos de formação profissional.

Desse modo, abrindo o debate sobre o tema do **Dossiê**, o artigo *Memoria y perspectivas sobre la formación de profesionales en la comunicación para el desarrollo: 1998-2023*, de autoria de Pablo Espinoza Espinosa, apresenta um olhar panorâmico sobre os quase vinte cinco anos do curso superior em Comunicação para o Desenvolvimento, parte da Faculdade de Ciências e Artes da Comunicação, na Pontifícia Universidade Católica do Peru. Segundo o autor, ao propor uma memória reflexiva e crítica do que significa formar comunicadoras/es com foco na mudança social, o artigo também procura pensar sobre os atuais desafios e as perspectivas para o futuro deste campo de estudos no país. Por sua vez, as pesquisadoras Thaís Brianezi e Carmen Gattás, em *A educomunicação como comunicação para o desenvolvimento sustentável*, discutem as interconexões entre a

1 [...] “the art and science of human communication linked to a society’s planned transformation from a state of poverty to one of dynamic socio-economic growth that makes for greater equity and the larger unfolding of individual potential”. (Quebral, 2011, p. 4).



institucionalização do campo da educomunicação e as convergências epistemológicas com a educação ambiental crítica. A partir do trabalho das autoras, de modo teórico e empírico, é possível perceber como a educomunicação congrega intimamente as questões socioambientais à comunicação pública da ciência e à participação democrática.

Na sequência, o artigo *Reimagining the UN 2030 Agenda by connecting the SDG to Culture, Art and Communication* traz a pesquisa de Raquel Cabral e Thiago Gehre Galvão a partir de uma leitura da Agenda 2030 da ONU para o Desenvolvimento Sustentável e a possibilidade de focar as áreas de cultura, artes e comunicação como campo estratégico na atuação global dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) conectados à Agenda. Já os investigadores Emanuela Amaral e Adilson Vaz Cabral Filho, em *Comunicação dos Povos Indígenas como chave para práticas decoloniais de uma outra-comunicação*, partem dos limites dos modelos tradicionais da comunicação, para, assim, apontar como as práticas decoloniais servem de via possível ao pensamento de uma comunicação diferente dos padrões prevalentes. Para os autores, sustentabilidade e Comunicação para o Bem Viver são dois conceitos centrais para entender as bases das práticas de uma comunicação que se pretenda ser teórica e pragmaticamente indígena.

Caminhando para o final do dossiê, o trabalho *Comunicação, mudança social e movimento permacultural*, produzido por Veneza Mayora Ronsini, Laura Roratto Foletto, Rafael Medeiros e Marco Marão, procura refletir em que medida a comunicação voltada ao desenvolvimento e mudança social se conecta epistemicamente com pressupostos da permacultura. Além disso, analisando a viabilidade do movimento da permacultura dentro da lógica de uma ecologia dos saberes, os pesquisadores traçam um breve panorama das problemáticas associadas ao modelo de desenvolvimento capitalista e a constituição de um modelo alternativo ao desenvolvimento hegemônico vigente. Finalmente, em *Algoritmo e (in)visibilidades: consumo midiático no movimento minimalista no Instagram*, Patrícia Saldanha e Renata Tarrío explicam como as diferentes perspectivas de midiaticização operam, duplamente, no processo minimalista e em sua relação na esfera do consumo consciente no Instagram. Por meio de pesquisa empírica, leitura flutuante e mapeamento da principal hashtag do perfil @seja.minimalista, os resultados apontam para priorização de conteúdos relacionados ao consumo dentro de uma vertente minimalista.

Na seção de **Artigos Livres**, dois trabalhos trazem uma significativa contribuição ao atual número através de reflexões sobre os campos da comunicação, gênero e streaming. Desse modo, em *Gênero e suas interseccionalidades na produção audiovisual do coletivo Nós, Mulheres da Periferia*, as autoras Nara Lya Cabral Scabin e Bárbara Maria Santos de Lima discutem a emergência de um cenário midiático em que veículos periféricos colocam as intersecções de gênero, raça, classe e território no centro de suas práticas discursivas. Assim, com base em um *corpus* de 22 vídeos do coletivo “Nós, Mulheres da Periferia”, as pesquisadoras verificaram que a mobilização de marcadores de gênero e suas interseccionalidades desempenharam um papel fundamental na conformação dos modos de endereçamento presentes na produção audiovisual do coletivo. Em outra via, Maria Cristina Palma Mungioli e Flavia Suzue de Mesquita Ikeda, em *Um estudo do catálogo das séries originais Globoplay no período de 2018 a 2022*, desenvolvem uma investigação sobre as transformações na produção e circulação de ficção de televisão no contexto de internacionalização e transnacionalização de gêneros e formatos no *streaming*. Tendo sob análise as séries originais brasileiras no catálogo Globoplay, as autoras apontam eventuais diálogos entre os padrões da televisão aberta e as séries produzidas para o serviço de streaming da Globo.

Parte da discussão central do dossiê, a seção de **Entrevista** apresenta as ideias de Dora Estella Muñoz Atillo, uma comunicadora indígena do povo Nasa, no norte de Cauca (Colômbia), com Mestrado

em Comunicação Intercultural pela Universidad de las Regiones Autónomas de la Costa Caribe Nicaragüense (URACCAN). Sob o título *La comunicación indígena en Colombia y el Buen Vivir*, Guilherme Gitahy Figueiredo conversa com Dora Muñoz sobre algumas das proposições de trabalho entre as temáticas da vivência indígena e a comunicação no cenário colombiano como elementos capazes de promover justiça social e autonomia aos povos originários do continente.

Igualmente importante, a seção **Estudo** contribui para o debate sobre a comunicação para o desenvolvimento com o trabalho *A experiência da UNESP com a Agenda 2030: a governança universitária como indutora de ações e articulações para o enfrentamento dos desafios locais e globais*. Escrito coletivamente por Juliana Cortez Barbosa, Mayra Fernanda Ferreira, Karina Pavão Patrício, Claudio Cesar de Paiva, Dulce Helena Siqueira Silva e Jean Cristtus Portela, o estudo consiste em uma análise sobre o Grupo de Trabalho Unesp 2030, estabelecido em 2022, e a interlocução entre áreas de pesquisa e formação, setores de atividade, sociedade civil, poder público e terceiro setor na relação entre o espaço universitário e a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.

Encerrando o número, a seção de **Resenha** traz uma leitura crítica sobre o livro “Estudos culturais, economia política da comunicação e o mercado brasileiro de televisão” (2022), uma coletânea de textos produzidos entre 1997 e 2011 pelo saudoso pesquisador brasileiro Valério Cruz Brittos (1964-2012), sob a curadoria de César Bolaño. Com o título *A contribuição de Valério Cruz Brittos à pesquisa em comunicação*, a resenha de Anderson David Gomes dos Santos discute como a obra de Brittos é um importante marco às contribuições teórico-analíticas aos estudos da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (EPC). Assim, considerando a disputa epistemológica e o contexto histórico do capitalismo contemporâneo, a obra está dividida em três partes: “Estado, globalização e neoliberalismo”, com um capítulo mais longo; “TV segmentada, multiplicidade da oferta, barreiras e o mercado brasileiro de televisão”, com cinco capítulos; e “Economia política, estudos culturais, interdisciplinaridade e democracia”, formado por quatro capítulos.

Aproveitamos este espaço para agradecer aos organizadores do dossiê e aos membros da equipe editorial que, para além do material ligado ao tema nuclear do número, também se dedicaram a trabalhar com qualidade nas seções que compõem toda a edição. Estendemos nosso agradecimento aos pesquisadores/as que colaboraram com seus trabalhos por meio de artigos, estudo, entrevista e resenha, também reconhecemos o trabalho fundamental dos pareceristas no desenvolvimento do processo editorial da *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*. Por fim, nos despedimos de 2022 com a magistral reflexão de Paulo Freire (2000, p. 67) que tão bem se conecta às discussões sobre a comunicação para o desenvolvimento. O mestre nos convoca para “que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e florestas”.

Excelente leitura!  
Margarida Maria Krohling Kunsch  
Maria Cristina Palma Mungoli  
Anderson Lopes da Silva

## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

QUEBRAL, Nora Cruz. *DevComm Los Bãnos Style. Lecture delivered at the Honorary Doctorate Celebration Seminar, LSE, University of London*. December 2011. Disponível em: <bit.ly/3W2dvjE>. Acesso em: 15 dez./2022.